

f u g a

TÍTULO: Fuga. Poemas

AUTOR: Arnaldo Santos

Capa: Costa Andrade

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1960

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 381/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ARNALDO SANTOS

f u g a

poemas

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
LISBOA

DO AUTOR

Contos de Hoje (em preparação)

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

N.º 1 — *Amor*, por M. António

N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, por Luandino Vieira

OUTRAS EDIÇÕES

Linha do Horizonte (poemas, 1948), por Aguinaldo Fonseca (esgotado)

Godido (contos, 1949), por João B. Dias (esgotado)

Poetas Angolanos (1959), por Carlos Eduardo (esgotado)

Poetas de Moçambique (1960), por L. Pollanah

Contistas Angolanos (1960)

re c o r d a ç ã o

Um velho ardina

Lagoa dormindo
E a canção na noite...

— Uola mono, uola tala
— Uola mono, uola tala, uola mono...

Canção do Fatal passando
Na rua fechada do Cemitério Velho

E vento trazia fios de risadas
Um novelo oculto de assombrações e medos
Na noite ondeante do meu além caído.

E tudo eram sombras, véus salientes!

E eu, menino
Não via a tua mão pendente

Definhada torção marca da sorte
Balançando ao ritmo do teu canto...

— Uola mono, uola tala,
— Uola mono, uola mono...

Hoje sei que as sereias da lagoa
Te uniam ao luto enorme que choravam
De um povo inteiro sepultado.

Uíge — 3-6-958

Estática claridade
Tem no ar simulações de cores.

Porém na linha dura deste dedo
Há cemitérios cobertos
Nódoas de pastosas manchas borbulhando mágoas...

Densas manchas de silêncios
Sentimentos
Tons convulsos de soluços...

Estática claridade
Tem no ar simulações de cores

No fundo constante sempre negro.

Luanda — 2-958

Choravam bordões
Na madraçaria.
Delia-se um cheiro mole
A lupanar.

Lá fora ventava.

E pelos postigos sujos
Emporcalhados
Os tamarindos tinham acenos tristes
Envergonhados.

Luanda — dezembro — 956

No poente
Quando o pensamento se ajusta mais à natureza
E vejo o sol cansado
No horizonte nevoento

Olho a sanzala postada na montanha
A terra erguendo o gesto largo

E sinto como que o sopro melódico
De uma canção cruel
Perpassando na paisagem silenciosa.

Uíge — maio — 957

Junto daquele lugar
Esmagaram uma criança.

Uma mulher arrepelada
No chão jazia.
Em alta queixa
No chão carpia.
Caída a quinda
Caídos os braços
Caíam lágrimas e lamentos

— Ai mon'ami, mon'ami...!

Junto daquele lugar
Tinha morrido uma criança.

Soaram passos
Vieram gentes
Homens, mulheres
Surgiram braços,

Num burburinho
Num murmurar de vozes quentes:
— O que fora?
— Que acontecera?
— Tinha sido agora?
— E quem morrera?

— Anh! foi um pretito...

O filho de fraca macuna
De condição triste
Olhar ignaro
Que a horas escuras
Incertas
Cegas
Tinha atravessado uma ruela...

Junto daquele lugar
Tinha morrido uma criança

Luanda — novembro — 956

Quando a noite desce
E o sol se põe
Levanta-se um murmúrio na sanzala...

Crescem vozes
Nascem risos
E por detrás da mancha escura da distância
Evola-se um perfume de segredos
Traçados na escuridão da noite.

Fugas de luz em peitos rudes
Que o sol irá matar.

Uíge — agosto — 957

e c o

Gritos de mãe
Correndo com o filho morto para a morgue

E o espaço vazio das ruas.

Gemidos duma mãe
Correndo para a morgue

E as agonias da tarde moribunda...

O vulto carregado duma mãe

E a certeza fria da noite.

Uige — maio — 957

m ã e s

Desviaste a cabecita do teu filho
Da mão trémula que a mimava.

A prostituta abriu para ti os olhos húmidos.

Sorriu...

Tinha uns olhos iguais aos teus!

Luanda — 956

De repente
Uns ramos nervosos de nervuras
Impõem-se no fluido vermelho do poente
Como estranha aparição.

Álgidas formas de mendigos
Na fixa mudez de uma certeza.

E quando os ramos se agitaram

Tatuada nos meus olhos
Ficou aquela aparição.

4-3-958

A marcha lenta dos teus passos
Traçou uma funda linha enviesada
Onde o capim jamais cresceu.

Linha torta
Esmagada
Sob a constância dos teus passos
Tresandando a sangue a força.

Linha onde o brilho ardente
De uma areia morta
Levou o eu
De um vulto ensimesmado.

...onde o capim jamais cresceu.

Uíge — outubro — 957

Há tanto espaço
No voo daquelas duas avezinhas
Que partem contra o horizonte
Unidas
Paralelas
Caminhando para o fim!

E irão encontrar-se no infinito?

Luanda — 957

criança com tétano

Um corpo hirto
O vidro aberto duns olhos que culpam
Onde perpassam vultos conhecidos
Que vão ficando para trás
Em becos sujos
Esbatidos.

Um corpo hirto
Um sorriso frio
Retinindo agudo em ouvidos cavos
Que mãos culpadas tornam surdos.

Um corpo hirto
Um sorriso agudo
E o vidro aberto duns olhos que culpam

Uíge — setembro — 957

contratados

Vinham ao longe
Aglutinados
Baforada de sussurros no horizonte
Como ressonâncias fundas de uma força.

Força que é penhor de gemidos
De levas passadas
Que arrastaram pobres.

Vinham ao longe
Em conversas vagas
Na tarde baixa ressumando dobres.

Uíge — 27-2-95

Um caminho roto
Sinuoso
Com margens de cubatas.

Pelo seu chão caminhavam
Seus caminhantes
Cansados
Mansamente
Escondendo-se no crepúsculo de uma esquina.

Escondiam-se do mundo
E de si próprios.

Luanda — dezembro — 956

Soturnidades suspensas palpitam no escuro
Como pulsações sombrias de ngomas.

Há ecos de falas abafadas
Longínquos sons que o vento move
Cavando distâncias na distância
Fatais
 como a queda livre de uma pedra.

E esfiam-se vidas em murmúrios...

E há olhos postos no caminho...

E eu sinto que a marca dos meus passos
Cala vozes nas cubatas
Acorda silêncios no negrume.

Uíge — 18-4-958

p a s s e i o

Não sei se as dalias eram sonhos
Crescendo por acaso no carreiro...

Não. Não quero sonhar!

— Boa noite, senhor... — uma porta se fechou na tarde...

Não havia no ar um só sorriso...

E a voz — eco de mãos-postas
Ficou no carreiro das dalias do acaso...

Não, não quero sonhar!

Uíge — julho — 958

r e g r e s s o

Bandeiras sem cores
Tremulando ao vento...

Passa um camião onde vozes cantam.
São homens que voltam.

E o sonoro canto vai longe... longe...
Às cubatas sós onde mães esperam...

Bandeiras-desejos
Tremulando ao vento...

E vozes deixando na esteira dura
Com o pó da estrada
Cantos de renúncia.

E tremulando sempre
Bandeiras sem cores agitam desejos.

Nascem vagidos novos nas sanzalas!

Uíge — agosto — 958

poema de esperança

... os pássaros voarão
E o mundo encher-se-á de suas penas.

Calados nos ouviremos segredando
Fazendo do horizonte uma linha longa

Tu tremerás receosa do infinito
Mas eu estarei junto de ti...

E será doce ou triste aquele poente...?

Porém tu me dirás sorrindo:
— Que importa? São tuas as linhas desta mão...

Uige — julho — 958

dois quadros

Lavadeira

I

Banco raso
Celha cheia
Mãos pretas em roupa branca

Silenciosa a lavadeira
Pende a fronte num trama longo.
Carrega um mundo o fumo denso
Da boca muda baforado.

Ao lado
As moscas enxameiam a boquita entreaberta
Do seu filho adormecido.

Luanda — outubro — 956

Camarata

II

Profundidade alongada em escura luz
Entre lonjuras de catres encostados.

Há silêncios e cobertores listados
Pendientes das vigas baixas do telhado
Desordens de gangas enrugadas
No hálito do coval.

E lentamente
Soergue-se dissonante uma cabeça
Como um sardão escondido em folhas mortas.

Uige — 143 — 958

ÍNDICE



RECORDAÇÃO	5
Definhada torção marca da sorte	6
Estática claridade	7
Choravam bordões	8
No poente	9
Junto daquele lugar	10
Quando a noite desce	12
ECO	13
MÃES	14
De repente	15
A marcha lenta dos teus passos	16
Há tanto espaço	17
CRIANÇA COM TÉTANO	18
CONTRATADOS	19
Um caminho roto	20
Soturnidades suspensas palpitam no escuro	21
PASSEIO	22
REGRESSO	23
POEMA DE ESPERANÇA	24
DOIS QUADROS	25





